

## **EMPREENDEDORISMO DE MINORIAS: As Adversidades das Empreendedoras Negras no Brasil**

**HERALDO MARCIO DE AGUIAR**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

**VÂNIA MARIA JORGE NASSIF**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

**MÁRCIA MARIA GARÇON**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e da Universidade nove de Julho - UNINOVE.

## **EMPREENDEDORISMO DE MINORIAS: As Adversidades das Empreendedoras Negras no Brasil**

### **INTRODUÇÃO**

Os anos 2020/2021 não ficarão marcados na história apenas pela pandemia do Covid-19 e suas tragédias em termos de vidas perdidas e crise econômica. A essas, somam-se casos extremos de preconceito racial como o assassinato de George Floyd e a chacina na Favela do Jacarezinho, para ficar em apenas dois exemplos. Ambas promoveram comoção, revolta e manifestações contra o racismo no Brasil e no mundo. Casos como esses escancararam as feridas criadas por colonizadores europeus e escravagistas e que insistem em manterem-se abertas como racismo, desigualdade racial e de renda. Osório (2021) deixa isso bem claro em seu estudo sobre desigualdade socioeconômica entre negros e brancos no Brasil. O autor avalia os indicadores da desigualdade racial de renda durante o período 1986-2019, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), e revela que houve uma pequena redução na distância que separa brancos e negros quanto à renda e a desigualdade racial persistente sem abalos substantivos. Esse cenário permanece mesmo com o crescimento da valorização da negritude entre os brasileiros e a maior denúncia e repúdio ao racismo e à discriminação. Para Osório (2021, p. 23), se no Brasil:

[...] assumir-se negro pode não ser mais um grande problema, ser negro continua sendo. Todas as mudanças, como a valorização da negritude, os incontáveis estudos, dissertações e teses acadêmicas, a luta sem fim dos ativistas denunciando o racismo e a discriminação, e a introdução de políticas públicas, deram-se sem abalar a desigualdade racial de renda. Sua persistência, a despeito de tantos avanços em outras searas, é assombrosa.

De acordo com dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2019), em 2018, entre os 10% da população com os maiores rendimentos, apenas 27,7% eram pretos ou pardos tais termos são utilizados pelo IBGE para categorizar negros e mestiços de brancos com negros, respectivamente. Por outro lado, os pretos ou pardos representavam 75,2% do grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos. Os brancos com nível superior completo ganhavam por 45% a mais do que os pretos ou pardos com o mesmo nível de instrução. A renda média dos brancos é ao menos duas vezes a dos negros.

É inserido nessa sociedade desigual que o fenômeno de empreendedorismo negro acontece, sendo que a relação entre a população negra e empreendedorismo no Brasil se dá como estratégia de sobrevivência ou de inserção social (Arman, 2015). Para Oliveira e Santos (2020), o empreendedorismo surge como alternativa (às vezes, única) de renda para a alta taxa de desemprego que, no Brasil, é agravada por categorias como sexo e raça, considerando ainda o fato que muitos autores clássicos entendem o empreendedorismo como um espaço relevante reservado aos indivíduos marginalizados (Vale, 2014), por isso, a literatura sugere que os sujeitos desses grupos buscam o empreendedorismo por necessidade (Tavares, Silva & Monarcha, 2018; Paixão, 2003, 2017).

Dos anos 1990 a 2017, houve um grande avanço da participação dos negros no empreendedorismo no Brasil. De acordo com o último relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2018), que acompanhou indicadores por etnia, o Brasil apresentava, em 2017, 38,8% de empreendedores negros contra 32,9% dos empreendedores brancos. Entretanto, mesmo estando à frente quanto a representação, seus rendimentos são menores: 52% dos negros recebem até dois salários-mínimos, enquanto, entre brancos, esse percentual cai para 36%. Outras diferenças dos grupos passam por geração de empregos e faturamento (negros empregam menos pessoas e faturam menos que os brancos). Por fim, os brancos empreendem por oportunidades (70%), enquanto os negros (54%), por necessidade.

No Brasil, as pesquisas descritivas que tratam dados separados no empreendedorismo negro entre homens e mulheres são incipientes. Observa-se no levantamento realizado pelo Sebrae em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), em agosto de 2020, sobre o impacto da pandemia do Covid-19 nos negócios, dados relacionados às empreendedoras negras, apontando que essas foram as que mais sofreram entre todos os grupos de empreendedores no Brasil. De acordo com a pesquisa, os pequenos negócios liderados por mulheres negras representam uma grande proporção entre as empresas que estavam com as atividades interrompida, 36 % contra 30% dos homens negros. Ainda, 58% das empreendedoras negras tiveram crédito bancário negado no período. (Sebrae/ FGV, 2020). No cenário de empreendedorismo geral a pesquisa do SEBRAE (2021) também destaca o impacto da pandemia entre mulheres: 1,3 milhão de tiveram que fechar seus empreendimentos pela necessidade de se dedicar mais à família e afazeres domésticos diante do fechamento das escolas. Essa experiência das mulheres brasileiras alinha-se à de empreendedoras no mundo todo. O Banco Mundial e a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2020) também mostrou que as empreendedoras têm gastado mais tempo com tarefas domésticas do que os homens que também são donos de negócios. Esse relatório global, realizado em parceria com o Facebook, afirma que enquanto 23% delas declararam passar seis horas ou mais realizando tarefas da casa, o percentual foi de 11% entre os homens.

Esse é um retrato do empreendedorismo por mulheres que a literatura do campo já consolidou: mulheres enfrentam desafios extras por conta do gênero que implica em atender os papéis sociais esperados por uma sociedade machista e patriarcal (Nassif, Hashimoto, Borges, Falce e Lima, 2020; Bertolami, Artes, Gonçalves, Hashimoto e Lazzarini, 2018; Natividade, 2009). Empreendedoras negras enfrentam uma dupla ameaça de estereótipo: a racial e a de gênero. De acordo com Steele e Aronson (1995), a ameaça de estereótipo é uma situação psicológica social que surge quando preconceitos amplamente conhecidos sobre um grupo influenciam como um indivíduo se autocaracteriza ou se conforma com a visão mantida por outros.

Quando o estereótipo é negativo, esse pode afetar negativamente o desempenho das pessoas que se conformam. Os negros, de acordo com Steele e Aronson (1995), podem sofrer de ansiedade por inferioridade por terem uma vida inteira de imagens negativas sobre suas habilidades e presença na sociedade. Essa pode ser a situação também com as empreendedoras negras que resultam em níveis reduzidos de sucesso empresarial e dúvidas sobre sua capacidade de cumprir metas e reconhecer novas oportunidades de negócios, colocando-as em desvantagem em relação, também, aos empreendedores negros (Gibbs, 2014).

Destaca-se ainda entre as adversidades enfrentadas pelas mulheres negras, a falta de acesso ao capital, redes de negócios insuficientes para apoio a pares, investimentos e oportunidades de negócios, e a ausência de toda a gama de habilidades essenciais necessárias para levar um negócio a sobreviver e crescer (Barr, 2015). Essa breve apresentação do fenômeno e do ambiente social no qual se insere demonstra que estudos relacionados ao empreendedorismo no Brasil devem levar em conta a estratificação social que marca o país e a sobrevivência desses negócios patrocinados por empreendedores e empreendedoras negras. A base secundária de dados e os estudos seminais de Paixão (2003) e Davies (2009) comprovam que ainda há um silenciamento acadêmico (Oliveira, Pereira & Souza, 2013) sobre essa dinâmica atividade empreendedora no Brasil. Pode-se perceber esse silenciamento na obra de Ferreira, Loiola & Gondim (2020), que retrata a produção científica em empreendedorismo no Brasil no período de 2004 a 2020, mas não há nenhuma menção ao empreendedorismo negro ou de mulheres negras.

## **PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO**

Diante dos estudos na área de empreendedorismo que essas reflexões teóricas se inserem e define a questão de pesquisa: como as empreendedoras negras brasileiras superam suas adversidades geradas por estereótipos, no empreendedorismo?

Ao respondê-la, propõem-se identificar possíveis comportamentos de enfrentamento e solução desses problemas que podem ser uma ameaça a seus empreendimentos.

Para atender ao objetivo da pesquisa, foi realizada uma revisão da literatura, colocando em diálogo, estudos de abordagens e paradigmas diferentes, em busca de responder ao nosso problema de pesquisa. Foram realizadas buscas de artigos na base da *Web of Science (WoS) - Social Citation Index (SSCI)*. Utilizou-se o “*WoS*” por se tratar de uma grande base de dados que disponibiliza mais de 9.200 títulos de periódicos de assuntos diversos tais como negócios, finanças, economia, ciência comportamental, entre outras. Para tanto, utilizou-se o “*String*” (*Woman Entrepreneur AND Black*) com filtro dos últimos cinco anos e se obteve 18 artigos cujos “*downloads*” foram efetuados para a realização da leitura dos textos. Desses 18 artigos apenas cinco foram utilizados nos estudos e os demais tratavam de outros assuntos que eram estranhos à pesquisa em pauta. Com o intuito de aumentar a base de artigos para a pesquisa, foi realizada nova busca no mesmo site (WoS) utilizando-se o *String (Black Woman Minority AND Entrepreneurship)* e retornaram sete artigos dos quais dois estavam relacionados na pesquisa efetuada anteriormente, totalizando 10 artigos pertinentes aos *Strings* pesquisados.

Para fazer a gestão dos dados, o recurso do *software Atlas.ti* foi utilizado por se tratar de um software especializado em análise qualitativa de grandes corpos de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo. Este software possui ferramentas que ajudam a organizar, remontar e gerir o seu material de forma criativa, mas sistemática. Os artigos foram anexados no Atlas.ti para codificação e posterior alimentação de uma planilha com resumos dos assuntos e, a posteriori, os artigos foram importados para o Zotero para organização.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Empreendedorismo de minorias

O empreendedorismo é uma atividade que atrai diferentes pessoas. Empreendedores são, portanto, um grupo diversificado em termos de gênero, origens étnicas e sociais, distribuição geográfica entre outras (Subramani, 2020). Essa multiplicidade de públicos e perfis chamou a atenção dos pesquisadores que cunharam o termo empreendedorismo de minorias, que segundo Mazzarol (2021) ainda falta de consenso sobre o conceito, indicando setenta e três diferentes conceituações para o fenômeno. Observações semelhantes surgiram de Basu (2009) sobre empreendedorismo de minorias étnicas, termo que permanece mal definido. Bates, Bradford & Jackson (2018, p. 421) levantaram preocupações sobre definições vagas de conceitos na pesquisa e abordagens diferenciadas de investigação, sugerindo que a literatura de empreendedorismo de minorias carece de um foco unificador.

Uma das dificuldades para se alcançar esse foco unificador está na definição do termo minoria, que para Mazzarol (2021), há um alargamento significativo do que o termo minoria significa (Mazzarol, 2021) e quais grupos participam dessa categoria. Nesse sentido, a OCDE (2019), congrega comunidades de mulheres, jovens, idosos, desempregados e imigrantes em minorias. Segundo Wood et al. (2012) incluem-se as minorias étnicas, deficientes, comunidades indígenas e as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queer*, intersexuais e assexuados (LGBTQIA+). Ainda para Galloway e Cooney (2012) adiciona-se ao grupo pessoas não alfabetizadas e/ou desqualificadas para o trabalho formal, e ex-delinquentes, chamando-os de minorias silenciosas, considerando que o número de pessoas que reúne esses predicados chega a 15% da população mundial (Banco Mundial, 2020).

Segundo Mazzarol (2021), embora haja essa variedade, é possível identificar duas características para os empreendedores minoritários: são considerados minorias dentro de uma comunidade mais ampla (como é o caso de imigrantes, deficientes, indígenas e pessoas LGBTQIA+) ou não pertencem a um perfil de empreendedor convencional (como é o caso de mulheres, jovens, idosos e negros).

Por isso, em uma tentativa de encontrar uma identificação do fenômeno, autores concordam em afirmar que o empreendedorismo de minorias envolve um empreendimento autônomo

dirigido por uma pessoa que não é típica da sociedade dominante e, portanto, pode ser descrita pelo adjetivo minoria (Dana & Vorobeva, 2021; Chaganti & Greene, 2002). Mesmo assim, Dana e Vorobeva, (2021) alertam que o conceito é fluido, dinâmico e relacional porque permite diferentes interpretações a depender do contexto, do caso e do período histórico de avaliação, além disso, as questões identitárias dos grupos vão influenciar a experiência do negócio.

As estruturas de uma sociedade impõem aos empreendedores minoritários experiências diferenciadas de empreendedorismo, com desafios adicionais e distintos ao planejar, iniciar e expandir um negócio, quando comparadas ao empreendedorismo executado pela população majoritária (Bates, 2011; Cooney, 2021).

Para muitos empreendedores, conforme Berdejó (2021), os negócios ou autoemprego são reflexos de restrições de oportunidades que operam de maneira mais ampla em uma sociedade. Para o autor pode-se apontar a dificuldade de inserção em cursos superiores somado à discriminação no mercado, além de conexões em redes sociais restritas, fato que têm estimulado o trabalho autônomo como oportunidade de geração de rendas.

Já Smith-Hunter e Boyd (2004), explica que essa situação ocorre especialmente entre as mulheres negras e imigrantes, que se encaixam ao chamado empreendedorismo por necessidade recorrendo ao capital próprio e aos parentes e amigos como fontes de mão de obra gratuita.

Assim, quando criam empreendimentos comerciais viáveis têm tradicionalmente enfrentado barreiras maiores que os brancos ao buscarem explorar as oportunidades de mercado, levantar financiamento e penetrar nas redes convencionais (Bates, 2011, p. 151). Nesse contexto, se deparam com os fatores que explicam as baixas taxas de empreendedorismo bem-sucedido como a pouca experiência empresarial ou falta de uma experiência qualificada (Scarborough e Zimmerer, 2005), o nível de escolaridade e bens/recursos financeiros próprios (Bates, 1997; Fairlie, 1999; Bewaji, Yang & Han, 2015), a vivência familiar com o trabalho autônomo dos pais (Hout & Rosen, 1999; Fairlie & Robb, 2007) e estrutura familiar (Singh, Crump & Zu, 2009). Além disso, destaca-se o papel que a discriminação desempenha como barreira que frequentemente interfere nos esforços para obter viabilidade e sustentabilidade do negócio (Johnson & Thomas, 2008; Bewaji, Yang & Han, 2015). Para Bates, Jackson & Johnson (2007), especificamente, essas barreiras resultam em empresas excessivamente pequenas, menos lucrativas e geralmente menos viáveis. Essas minorias não conseguem competir com setores intensivos em tecnologia e investimento de alto crescimento e, portanto, recorrem a lojas de varejo e serviços mais periféricos, caracterizados por barreiras de entrada baixas, lucros baixos, economias de escala baixas e alta intensidade de mão-de-obra (Verver, Passenier & Roessingh, 2019). Os estudos realizados Berdejó (2021); Dheer (2018) e Nazareno et al. (2018) com empreendedores imigrantes, por exemplo, mostram que os mesmos tendem a abrir seus negócios em áreas empobrecidas e a se envolverem em atividades de negócios negligenciadas por empresas de maioria étnica. À luz da diversidade e variedade de grupos e abordagens de estudos cada grupo minoritário vai apresentar dificuldades, barreiras e adversidade próprias durante o seu processo empreendedor (Dana e Vorobeva, 2021; Mazzarol, 2021; Bates et al., 2018; Basu, 2009). Porém, para Fuller-Love e Akehurst (2006), há evidências de que determinados grupos, por exemplo, mulheres e alguns grupos étnicos podem enfrentar algum grau de problemas adicionais.

## **DISCUSSÃO**

### **Empreendedorismo de mulheres negras no Brasil**

Desde os trabalhos seminais de Paixão (2003) e Davies (2009), a literatura sobre empreendedorismo negro não apresenta trabalhos específicos por gêneros. Para autores como Ferreira e Nogueira (2013), homens e mulheres negros se deparam com os mesmos e diversos obstáculos em seus negócios como, por exemplo, a capacitação para negócios limitada, excesso de burocracia e tributação e o constante medo do fracasso. Mas, são poucos os trabalhos publicados sob o tema, de acordo com a revisão bibliométrica feita por Oliveira e Pesseti

(2020). Para Paixão (2003) o debate sobre raça, racismo e empreendedorismo, deve compreender o papel de políticas públicas voltadas para esse público. O autor foi um dos primeiros a identificar que o empreendedor negro era obrigado a superar diferentes situações nascidas do preconceito racial e das desigualdades étnicas e sociais do país.

Osório (2021) pontua que no campo das políticas públicas é preciso avançar no entendimento de que todas as iniciativas que contribuem para a redução da desigualdade de renda constituem políticas para a população negra e para a superação da desigualdade racial. “Desigualdade racial e de renda são faces da mesma moeda, e não é possível vencer uma sem atacar a outra” (Osório, 2021, p.24).

Outro estudo de referência vem de Davies (2009) apresentando a relação entre identidade negra e ascensão socioeconômica por via empreendedorismo, em um debate que propõe identidade de classe, conduta empresarial e questão racial na construção do self. Davies(2009) analisou seus entrevistados por meio de quatro características do “ser negro”: a) os radicais (priorizam a raça e desigualdade em seus discursos); b) os alternativos (reconhecem o preconceito e a desigualdade racial e acreditam que o esforço individual supera as barreiras sociais e o preconceito de cor); c) os assertivos (não negam o preconceito, mas afirmam que não o sofrem) e d) os democráticos (cor desapareceu por completo do discurso como se a sociedade brasileira vivesse em harmonia racial) (Davies, 2009).

Como resultado, descobriu que a identidade negra vai se diluindo conforme o sujeito passa a ascender economicamente. A classe média negra possui identidades híbridas, tanto em comparação ao segmento social que pertencem quanto ao grupo de origem, esses reconhecem negros, pardos ou mulatos, mas quando questionados sobre a condição do ser negro, a maior parte só se refere a raça para relatar discriminação e buscam ressaltar a mobilidade social ao invés da questão racial (Davies, 2009). O estudo mostra que nenhum dos empreendedores negros de classe média manifestou em seu discurso a identidade radical. Apenas dois sujeitos entrevistados apresentaram o discurso democrático, enquanto outros sete variavam entre a percepção de identidade alternativa e assertiva (Davies, 2009).

Apesar de concordarem que o preconceito existe na sociedade, os entrevistados divergiam na importância do mesmo nas suas trajetórias de vida acreditando que os obstáculos raciais poderiam ser contornados por esforços pessoais, e sua ascensão social, por mérito (Santos, 2017, p.67). Passados quase uma década, a pesquisa de Santos (2017) descobre que empreendedores negros do Rio de Janeiro percebem que têm a vida impactada pela construção de raça e do lugar do negro na sociedade, o que refletiu em vários aspectos de suas vidas e de seus empreendimentos como, por exemplo, a descoberta de oportunidades por meio de certa indignação da ausência de visibilidade dos negros na sociedade. Cada um, a sua maneira, com sua percepção e bagagem de história de vida, identificou no dia a dia de estudos/trabalho uma oportunidade para abrir o seu negócio e assim lutar por espaço, deixar o lugar que foi naturalizado para pessoas negras e dessa forma surgem esses empreendimentos. (Santos, 2017).

Oliveira, Pereira e Souza (2013) afirmam que a literatura produzida durante o período de 1990 a 2008 comprova que as relações étnicas continuam sendo obstáculos para os negócios, uma vez que mediam os relacionamentos com clientes, funcionários, concorrentes e fornecedores. Ainda, apontam as dificuldades no acesso ao crédito bancário e capitalização própria, visto que a grande maioria dos empreendedores negros possui uma origem de baixa renda. As referidas autoras colocam luz nas diferenças entre esses grupos étnico-raciais e o grupo hegemônico (brancos) em relação às oportunidades oferecidas pelo meio social no qual empreendem. E criticam os estudos da Administração que ainda são voltados para o grupo hegemônico, apesar de mais da metade da população brasileira ser de negros e pardos (Oliveira, Pereira & Souza, 2013).

A pesquisa realizada com empreendedores negros do Triângulo Mineiro por Borges et al. (2020) reforça a imbricação das dimensões sociais, culturais, gênero e econômicas da realidade brasileira com as atividades empreendedoras desses sujeitos. Há um histórico de desafios, discriminações e preconceito racial que permeia as experiências vividas por empreendedores e

empreendedoras que geram sentimentos contraditórios de resistência e luta, mas também de pessimismo e resignação quanto ao futuro.

Já os empreendedores e empreendedoras brasileiros entrevistados nos estudos de Oliveira & Pesseti (2020) evitaram declarar, com clareza e firmeza, que o preconceito racial interferia em seus negócios. Porém, por meio da interpretação das falas, os autores identificaram as dificuldades que esses indivíduos enfrentavam, tais como acesso ao capital de giro/investimento, a baixa experiência, a defasagem de conhecimentos técnicos e gerenciais que apresentavam e que atrapalhavam seus negócios, sendo vistos como frutos de uma grande fissura na sociedade brasileira, principalmente, a diferença de formação educacional entre brancos e negros, o que acarreta a maior desigualdade social.

De acordo com Moreira e Barros (2018), grande parte das empreendedoras brasileiras detém menor escolaridade que as empreendedoras da etnia caucasiana, o que resulta em riscos para a atividade empreendedora. Isso indica como as dificuldades da etnia negra no Brasil associa-se, intimamente, as suas condições socioeconômicas, o que fazem as autoras defenderem a categoria de minoria referente às mulheres negras e de terceiro mundo.

Um trabalho focado em mulheres negras realizado no Rio Grande do Sul por Machado e Paes (2021) identificou os desafios sociais e econômicos enfrentados pelas mesmas naquele estado. Descobriram que, além da discriminação racial enfrentam processos de silenciamento, invisibilidade e estereotipia pelo fato de serem mulheres.

### **Articulação dos saberes em direção à compreensão do fenômeno.**

A publicação mais recente sobre o estado da arte do empreendedorismo de minorias foi realizada por Mazzarol (2021), compreendendo os trabalhos publicados entre 1970 e 2019 sobre o tema, indicando os principais interesses e grupos avaliados verificando a mudança do foco dos estudos ao longo do tempo. No levantamento realizado, entre 1970 e 2009, esteve na relação entre minorias étnicas (negros, hispânicos, indígenas ou imigrantes), desenvolvimento de empreendimentos e questões políticas. Para Mazzarol (2021, p. 517), os temas foram associados porque estão ligados aos conceitos de política e crescimento que refletem o interesse dos governos no empreendedorismo de minorias como uma forma de entender como o empreendedorismo pode ser fomentado dentro dos grupos de minorias étnicas para facilitar o autodesenvolvimento e a autossuficiência econômica.

De fato, Berdejó (2021) aponta que empresas de propriedade de minorias desempenham papéis macroeconômicos, contribuindo para o desenvolvimento das economias locais. Já, entre 2010 e 2019, o interesse volta-se para os sujeitos empreendedores, as atividades empreendedoras e negócios, também relacionados às políticas e programas governamentais. O empreendedorismo por mulheres, pesquisado desde os anos 1990, aparece com maior destaque neste período vinculado aos desafios enfrentados por empreendedoras que também têm funções concorrentes dentro da sua família e comunidade como maternidade, feminilidade, família e necessidade de balancear esses papéis (Mazzarol, 2021).

Um aspecto sobre pesquisas em empreendedorismo de minorias é destacado por Verver, Passenier e Roessingh (2019), sugerindo que sua singularidade deve ser investigada a partir do contexto social no qual o sujeito se insere, seu conjunto de circunstâncias e suas esferas de interação. Isso porque, os tipos de atividades realizadas por empreendedores pertencentes a grupos minoritários estão em áreas associadas a uma posição relativamente marginal na economia. A expressão desse fato foi devidamente identificada e avaliada pelos pesquisadores da área.

Não obstante os apontamentos realizados pela literatura sobre as adversidades enfrentadas pelos empreendedores minoritários, há que se suspeitar que o cenário empreendedor para mulheres negras deva ser triplamente desafiador, considerando que por um lado, convive com a conduta empreendedora, por outro, a questão racial mediando essa conduta e, ainda, o conflito de papéis que a atinge na sociedade e na família. Sua identidade acaba tornando-se um mix das três questões que interagem. Davies (2009) enfatiza que a satisfação dos interesses econômicos

não acontece de forma alheia aos fatores extraeconômicos que participam das interações indivíduo- sociedade, mas se combinam e se acomodam às questões culturais, políticas, familiares, associativas, tradicionais, e, portanto, identitárias. Complementar a isso, a revisão realizada por Mazzarol (2021), reflete essa realidade ao deixar claro que o interesse da literatura pelo empreendedorismo feminino em comunidades de minorias étnicas foi tardio. Explica que não estava clara a relação entre empreendedorismo por mulheres e a questão de minoria, uma vez que estudos anteriores haviam sido desenvolvidos, em grande parte, com dados coletados com homens.

Segundo Mazzarol (2021), somente na década de 2000-2009 que a literatura começa a apresentar estudos no campo do empreendedorismo feminino como um subdomínio do empreendedorismo minoritário, além de publicar trabalhos que reconhecem o papel das mulheres empreendedoras de origens étnicas e migrantes no desenvolvimento de muitos negócios familiares nessas comunidades. Outras linhas de pesquisa foram se apresentando como a busca pela garantia de oportunidades, os aspectos de envolvimento com o empreendedorismo mediados pela origem étnica e a falta de recursos (por exemplo, capital financeiro e humano). A pesquisa examinava a natureza do empreendedorismo feminino das minorias étnicas, buscando desconstruir o arquétipo empreendedor do herói branco do sexo masculino (Mazzarol, 2021, p. 526). Este autor vai discorrendo diferentes e profícuos estudos sobre o empreendedorismo por mulheres de minorias étnicas como de estratificação social (por exemplo, estrutura social, instituições e cultura); superação da baixa autoestima e a discriminação para estabelecer seus próprios negócios. E, conforme a literatura sobre o empreendedorismo étnico de mulheres avançava, mais descobriu-se sobre os seus desafios em garantir financiamento, acessar mercados, desenvolver habilidades de negócios e superar a discriminação (Collins & Low 2010; Carter, Mwaura, Ram, Trehan & Jones, 2015; Bewaji, Yang & Han, 2015; Verduijn & Essers, 2013). Todas essas problemáticas são recorrentes no empreendedorismo por mulheres negras, especialmente, vinculadas à discriminação social que envolvem racismo e sexismo (Smith-Hunter e Boyd, 2004), bem como os confrontos em negociações e diálogos sobre papéis sociais conflitantes (Forson, 2013; Knight, 2016), negligência dos fatores estruturais, sociais, históricos e culturais e da utilização de instrumentos que ignora o nível macro de análise, levando a uma compreensão incompleta do fenômeno (Ahl et al., 2012) e, ainda, hostilidade e isolamento (Gwija, Eresia-Eke e Iwu, 2014). As mulheres enfrentam dificuldades em acesso a recursos e empréstimos no mercado (Smith & Tolbert, 2018; Horne, 2016; Smith-Hunter & Boyd, 2004), são mais propensas a pagar taxas de juros mais altas (Becker-Blease e Sohl, 2007; Bellucci et al., 2010; Muravyev et al., 2009) e, ainda, comungam de algo inerente ao empreendedorismo negro: têm menos probabilidade de se beneficiar da riqueza geracional (Portes, 2010), pois são mais propensas a viver em comunidades segregadas, com menor escolaridade do que suas colegas brancas (Valdez, 2011).

O estudo de Jackson (2020) sobre grau de capital social de empreendedoras negras nos Estados Unidos avança para uma descoberta interessante, definido como um fator crucial para a manutenção de negócios de sucesso porque está relacionado a uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos (Jackson, 2020 citando Bourdieu, 1986), o autor descobriu que há um acesso limitado das mulheres negras a recursos como o apoio social entre suas redes sociais. Chama a atenção que as entrevistadas têm menor grau de possibilidade de usar a família como fonte de apoio porque, ou os membros não as apoiam imediatamente em seus empreendimentos, ou seus entes queridos podem não possuir o capital humano e financeiro necessários para oferecê-los como suporte instrumental ou emocional. E, isso impacta negativamente o processo de se tornarem proprietária de uma empresa viável e sustentável (Jackson, 2020).

A análise da literatura apresenta adversidades que as mulheres negras enfrentam oriundas das estruturas sociais (como os estereótipos de papéis que devem desempenhar), da desigualdade social e de renda devido sua etnia, além das barreiras do próprio ambiente de negócios. A tabela 1 reúne as principais dificuldades identificadas e consolida a resposta para

a questão-problema desse estudo.

Tabela 1: Principais adversidades e barreiras - empreendedorismo por mulheres negras.

<b>Adversidades / Barreiras</b>	<b>Autores /data</b>
-Dupla papel: atuarem no lar, cuidar da família, desempenhar atividades profissionais. -Não terem exemplo de sucesso empreendedor familiar -Serem menos propensas a ter um membro da família proprietário de uma empresa.	Must & Strauss (1999); Smith e Boyd (2004); Fairlie e Robb (2007); McGowan et al. (2012); Mora e Davila (2014); Smith e Tolbert (2018); Schell et al. (2018)
- São propensas a viver em comunidades segregadas - Possuir pouca experiência empreendedora - Tem maior desvantagem do que as mulheres brancas -Menos educação formal	DeCarlo e Lyons (1979); Robles e Cordero- Guzman (2007); Coleman e Robb (2009); Valdez et al. (2011); Smith-Hunter e Boyd (2004); Jackson (2020)
-Vulnerabilidade ao fracasso empresarial; -Medo decorrente da visão de fracasso e da percepção de inferioridade, advindos de fatores socioculturais - Falta de motivação em decorrência das adversidades - Vítimas de discriminação, hostilidade e isolamento - Desânimo frente às experiências sócio-históricas	Light e Gold (2000); Neville et al. (2018); Jackson (2020); (Mazzarol, 2021)
- Menor probabilidade de capitalizar o capital social, humano ou financeiro - Medo da falência em consequência das barreiras institucionais -Menos crédito para seus negócios - Ausência de critérios para concessão de empréstimo em diferentes instituições financeiras -Dificuldade de obter capital -Ter negado o pedido de empréstimos -Taxas de juros mais altas -Perfil de empreendedoras de sobrevivência, com mais desvantagem de recursos. -Níveis mais baixos de ganhos	Smith-Hunter e Boyd (2004); Becker-Blease e Sohl (2007); Fairlie e Robb (2007); Robles e Cordero-Guzman (2007); Muravyev et al. (2009); Loscocco et al. (2009); Bellucci et al. (2010); Mitchell e Pearce (2011); Cacciotti e Hayton (2015); Carter et al. (2015), Lourenço et al. (2015); Freeland e Keister (2016); Horne (2016); Dy et al., (2017); Martinez- Gonzalez et al. (2019); Sims e Chinta (2019); Jackson (2020);; Jackson e Sanyal (2020).
-Terem menos organizações de apoio para obter suporte; - Concentrarem em setores de serviços marginalizados; - Maior desvantagem em relação a outros grupos; - Não terem tido suporte na vida profissional e social.	DeCarlo e Lyons (1979); Smith-Hunter e Boyd (2004); Fairlie & Robb (2007); Loscocco et al. (2009); Coleman & Robb (2009); Valdez et al. (2011); Powell e Eddleston (2013); Gibbs (2014); Neville et al. (2018); Jackson (2020). Verver, Passenier e Roessingh (2019)

Fonte: elaborada pelos autores

Para cada uma destas adversidades levantadas na literatura, faz-se necessário repensar alternativas em busca de soluções que minimizam as dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras negras no dia a dia. O desafio é grande, mas se as dificuldades forem relacionadas com os resultados potenciais que advém das atividades profissionais demandas pelas empreendedoras, de maneira geral, sejam elas de qualquer etnia, há muito a ser feito. Não se percebe soluções imediatas numa sociedade patriarcal, mas, é possível, mesmo que gradualmente, minimizar problemas relacionados a recursos e empréstimos no mercado como Smith & Tolbert (2018), Horne (2016), Smith-Hunter & Boyd (2004) mencionam, além de rever as taxas de juros altas mencionadas por Becker-Blease e Sohl (2007), Bellucci et al., (2010) e Muravyev et al., (2009), cuja ideia é a de abrir possibilidades para prosperarem no mercado de trabalho, dentre outras acima citadas.

## CONSIDERAÇÕES

Embora a literatura ainda seja incipiente para tratar em profundidade o empreendedorismo por mulheres negras, fornece fortes indícios sobre como no Brasil ou fora dele, as empreendedoras desempenham o processo empreendedor enfrentando desafios múltiplos inerentes a dois grupos minoritários da sociedade. Embora esse estudo tenha suas limitações, por ter se proposto a fazer uma revisão analítica da literatura, fica evidente como esse fenômeno está inserido em um espectro de ameaças de estereótipos (Steele & Aronson, 1995) que influencia e põe em risco o negócio dessas mulheres.

Desta maneira, ao identificar as principais adversidades enfrentadas por empreendedoras, surge a necessidade de investigar sobre como essas mulheres lidam com esse cotidiano e dirigem seus empreendimentos. Estando diante de tantas dificuldades, é possível inferir que as emoções, a afetividade e elementos cognitivos afetem o comportamento delas. A literatura se mostra incipiente ao abordar essas questões específicas a esse grupo, mas pode-se investigar na teoria os elementos que contribuam para o seu entendimento. Valorizar os aspectos cognitivos e afetivos nos estudos do comportamento empreendedor é uma tese defendida por muitos autores (Wallon, 1989; Baron, 2008; Nassif 2014) porque indicam como sentimentos, afetos e emoções advindos da cultura, valores e educação influenciam fortemente no processamento e interpretação das informações úteis que formatam comportamentos.

Neste sentido, compreender o empreendedorismo por mulheres negras em profundidade vai implicar em colocar em análise seus comportamentos mediados e/ou moderados por uma série de questões da afetividade e da cognição que podem fortalecê-las ou melindrá-las na gestão de seus negócios. Em 2020, Nassif e colegas demonstraram como atitudes, comportamentos e ações de mulheres empreendedoras podem ser contaminadas por instabilidade emocional como angústia, preconceito, insegurança, ceticismo, orgulho dentre outras emoções negativas (Nassif et al., 2020), assim como a afetividade e a cognição podem atuar conjuntamente para minimizar e resolver problemas, essas são evidências que realizações depende da força motivacional e do estado de espírito da empreendedora para obter sucesso (Nassif, 2014). A articulação entre empreendedorismo e aspectos estruturais da sociedade realizada por esse estudo aponta a importância do empreendedorismo como um mecanismo possível para diminuir as desigualdades sociais e econômicas. Assim, traz um alerta para que as políticas públicas de desenvolvimento econômico vislumbrem ações afirmativas das minorias, com o objetivo de seu fortalecimento e erradicação dos preconceitos e discriminação, seja por etnia, gênero, origem ou qualquer outra. Almeja-se contribuir com o campo ao iluminar e compreender o fenômeno associado e influenciado pelas estruturas sociais e históricas do país, que interferem, não só no sucesso dos negócios como, também, no comportamento empreendedor dessas mulheres. E, não menos importante, espera-se dar voz e lugar ao empreendedorismo por mulheres negras no Brasil no campo científico e acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ahl, H., & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543-562.
- Arman, A. P. (2015). Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. *RAU - Revista de Administração do UNISAL*. São Paulo, v. 5, n. 8.
- Banco Mundial (2020). Disability Inclusion. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-ereports/documentdetail/665131468331271288/main-report>. Acessado em 10 junho, 2021.
- Barr, M. S. (2015). Minority and women entrepreneurs: *Building capital, networks, and skills*.
- Baron, R. A., Hmieleski, K. M., & Henry, R. A. (2012). Entrepreneurs' dispositional positive affect: The potential benefits - and potential costs - of being "up". *Journal of Business Venturing*, 27(3), 310-324. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2011.04.002>.

- Baron, R. A. (2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *Academy of management Review*, 33(2), 328-340.
- Basu, A. (2009). "Ethnic Minority Entrepreneurship." In *The Oxford Handbook of Entrepreneurship*, edited by M. Casson, B. Yeung, A. Basu, and N. Wadeson, pp. 590-601. *Oxford: Oxford University Press*.
- Bates, T., Bradford, W. D., & Jackson, W. E. (2018). Are minority-owned businesses underserved by financial markets? Evidence from the private-equity industry. *Small Business Economics*, 50(3), 445-461. <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9879-1>
- Bates, T. (2011). Minority Entrepreneurship. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 7(3-4), 151-311. <https://doi.org/10.1561/03000000036>.
- Bates, T. (1997). *Race, Upward Mobility, and Self-Employment: An illusive American Dream*. Baltimore, MD: *Johns Hopkins University Press*.
- Bates, T., Jackson, W. E., & Johnson, J. H. (2007). Advancing Research on Minority Entrepreneurship. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 613(1), 10-17. <https://doi.org/10.1177/0002716207303405>.
- BBC News (2020, maio 27). Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joeilhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em 03/05/2021.
- Becker-Blease, J. R., & Sohl, J. E. (2007). Do women-owned businesses have equal access to angel capital? *Journal of Business Venturing*, 22(4), 503-521.
- Bellucci, A., Borisov, A., & Zazzaro, A. (2010). Does gender matter in bank-firm relationships? Evidence from small business lending. *Journal of Banking & Finance*, 34(12), 2968-2984.
- Berdej6, C. (2021). Financing Minority Entrepreneurship. *Wis. L. Rev.*, 41.
- Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. J., Hashimoto, M., & Lazzarini, S. G. (2018). Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(3), 311-335. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018160121>
- Bewaji, T., Yang, Q., & Han, Y. (2015). Funding accessibility for minority entrepreneurs: An empirical analysis. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(4), 716733. <https://doi.org/10.1108/JSBED-08-2012-0099>.
- Borges, A. F., Enoque, A. G., Neto, R. M., & Rissi, F. H. (2020). Retratos do Empreendedorismo Étnico-Racial: um estudo sobre a trajetória de Empreendedores Negros. *Anais do XIEGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*. ISSN: 2525-7838. Vol. 11, 2020 - 121187. DOI: 10.14211/xi-egepe-118148.
- Cacciotti, G., & Hayton, J. C. (2015). Fear and entrepreneurship: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 17(2), 165-190.
- Carter, S., S. Mwaura, M. Ram, K. Trehan, & T. Jones (2015). Barriers to Ethnic Minority and Women's Enterprise: Existing Evidence, Policy Tensions and Unsettled Questions. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship* 33(1): 49-69.
- Chaganti, R., & P. G. Greene (2002). Who Are Ethnic Entrepreneurs? A Study of Entrepreneurs Ethnic Involvement and Business Characteristics. *Journal of Small Business Management* 40 (2):126-43. doi:10.1111/1540-627X.00045.
- Coleman, S., & Robb, A. (2009). A comparison of new firm financing by gender: Evidence from the Kauffman Firm Survey data. *Small Business Economics*, 33(4), 397-411. <https://doi.org/10.1007/s11187-009-9205-7>.
- Collins, J., & Low, A. (2010). Asian female immigrant entrepreneurs in small and medium sized businesses in Australia. *Entrepreneurship & Regional Development*, 22(1), 97-111. <https://doi.org/10.1080/08985620903220553>.

- Cooney, T. M. (2021). *Minority Entrepreneurship: Setting the Context*. The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship, 3.
- Dana & Vorobeva (2021). "Understanding the Term 'Minority Entrepreneurship'," Springer Books, in: Thomas M. Cooney (ed.), *The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship*, pp.15-32, Springer. Handle: RePEc:spr:sprchp:978-3-030-66603-3\_2. DOI: 10.1007/978-3-030-66603-3\_2.
- Davies, F. A. (2009). Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 75-94.
- DeCarlo, J. F., & Lyons, P. R. (1979). A Comparison of Selected Personal Characteristics of Minority and Non-Minority Female Entrepreneurs. *Academy of Management Proceedings*, 1979(1), 369-373. <https://doi.org/10.5465/ambpp.1979.4977629>.
- Dheer, R.J.S. (2018). Entrepreneurship by immigrants: a review of existing literature and directions for future research. *International Entrepreneurship and Management Journal*, Vol. 14 No. 3, pp. 555-614.
- Dy, A. M., Marlow, S., & Martin, L. (2017). A Web of opportunity or the same old story? Women digital entrepreneurs and intersectionality theory. *Human Relations*, 70(3), 286-311. doi:10.1177/0018726716650730.
- Fairlie, R. W. (1999). The Absence of the African American Owned Business: An Analysis of the *Dynamics of Self-Employment*. *Journal of Labor Economics*, 17(1), 80-108. <https://doi.org/10.1086/209914>.
- Fairlie, R. W., & Robb, A. M. (2007). Why Are Black-Owned Businesses Less Successful than White-Owned Businesses? The Role of Families, Inheritances, and Business Human Capital. *Journal of Labor Economics*, 25(2), 289-323. <https://doi.org/10.1086/510763>.
- Ferreira, A. S. M.; Loiola, E. & Gondim, S. M. G. (2020). Produção Científica em Empreendedorismo no Brasil: Uma Revisão de Literatura de 2004 A 2020. *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 21, p. 371-393, jan./dez. DOI: 10.21714/2178-8030gep.v.21.5618.
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), 398-417. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000400002>.
- Forson, C. (2013). Contextualising migrant black businesswomen's work-life balance experiences. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 19(5), 460-477. <https://doi.org/10.1108/IJEER-09-2011-0126>.
- Freeland, R. E., & Keister, L. A. (2016). How does race and ethnicity affect persistence in immature ventures? *Journal of Small Business Management*, 54(1), 210-228.
- Fuller-Love, N., Lim, L., & Akehurst, G. (2006). Guest editorial: Female and ethnic minority entrepreneurship. *The International Entrepreneurship and Management Journal*, 2(4), 429-439. DOI:10.1007/s 11365-006-0007-y.
- Galloway, L., & Cooney, T. (2012). Silent minorities of entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 13(2).
- Gibbs (2014). The Bitter Truth: A comparative analysis of black male and black female entrepreneurs. *Journal of Developmental Entrepreneurship* Vol. 19, No. 1, p.18. *World Scientific Publishing Company* DOI: 10.1142/S108494671450006X.
- Global Entrepreneurship Monitor (2018). GEM (2018) Análise dos resultados por gênero. [www.sebrae.com.br](http://www.sebrae.com.br) - acessado em 31.05.2021.
- Gwijja, S. A., Eresia-Eke, C., & Iwu, C. G. (2014). Assessing the impact of support structures and initiatives to youth entrepreneurship development in a selected Township in the Western Cape Province of South Africa. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 5(1), 61. Doi:10.5901/mjss. 2014. 5(1), pp61.
- Horne, K. N. (2016). Female entrepreneurial self-efficacy among three ethnicities [PhD Thesis]. *Capella University*.

- Hout, M., & Rosen, H. S. (1999). Self-employment, family background and race. *J. Hum. Resour.*35, 670-692. DOI: 10.2307/146367.
- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece> - acesso em 12/06/2021.
- Jackson, T. M. (2020). We have to leverage those relationships: How Black women business owners respond to limited social capital. *Sociological Spectrum*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/02732173.2020.1847706>.
- Jackson, T. M., & Sanyal, P. (2019). Struggles and Strategies of Black Women Business Owners in the U.S. *Journal of Business Anthropology*,8(2), 228-249. <https://doi.org/10.22439/jba.v8i2.5850>.
- Jackson, W. E. & Johnson, J. H.(2017) Advancing Research on Minority Entrepreneurship. *Annals, AAPSS*, 613, September 2007. DOI: 10.1177/0002716207303405
- Johnson, C., & Thomas, V. (2008). Book reviews: Advancing Research on Minority Entrepreneurship (By Bates, T. Jackson, W. E., & Johnson, J. H). *Thousand Oaks, CA: SAGE Publications*.
- Knight, M. (2016). Race-ing, Classing and Gendering Racialized Women's Participation in Entrepreneurship: *Racialized Women's Participation in Entrepreneurship. Gender, Work & Organization*, 23(3), 310-327. <https://doi.org/10.1111/gwao.12060>.
- Light, I. & Gold, S. J. (2000). *Ethnic Economies. Academic Press*. A Harcourt Science Technology Company. San Diego, San Francisco, New York, Boston, London, Sydney, Tokio.
- Loscocco, K., Monnat, S. M., Moore, G., & Lauber, K. B. (2009). Enterprising women: A comparison of women's and men's small business networks. *Gender & society*, 23(3), 388-411.
- Lourenço, F., Sappleton, N., & Cheng, R. (2015). Gender and business ethics of enterprise students and nascent entrepreneurs engaged in entrepreneurship education. *The Journal of Entrepreneurship*, 24(2), 186-203.
- Machado, S. S. P. & Paes, K. D. (2021). Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande - RS. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.5, pp. 45693-45715. Rio Grande-RS. ISSN: 2525-8761. doi:10.34117/bjdv7n5-132.
- Martínez-González, M., Olid, C. S., & Crespo, J. L. (2019). Evolution of HR competences in organizations immersed in the fourth industrial revolution. *Quaderns de Psicologia, International Journal of Psychology*. 21(1), 1471. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1471>.
- Mazzarol T. (2021). Future Research Opportunities: A Systematic Literature Review and Recommendations for Further Research into Minority Entrepreneurship. In: Cooney T.M. (eds) *The Palgrave Handbook of Minority Entrepreneurship. Palgrave Macmillan*, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3\\_23](https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3_23).
- McGowan, P., Redeker, C. L., Cooper, S. Y., & Greenan, K. (2012). Female entrepreneurship and the management of business and domestic roles: Motivations, expectations and realities. *Entrepreneurship & Regional Development*, 24(1-2), 53-72.
- Mitchell, K. & Pearce, D. K. (2011). Lending technologies, lending specialization, and minority access to small-business loans. *Small Bus Econ* 37:277-304 - DOI 10.1007/s11187-009-9243-1. *North Carolina State University, Raleigh, NC, USA*.
- Mora, M. T., & Dávila, A. (2014). Gender and business outcomes of black and Hispanic new entrepreneurs in the United States. *American Economic Review*, 104(5), 245-249. <http://dx.doi.org/10.1257/aer.104.5.245>.
- Moreira, G. J., & Barros, D. E. C. (2018). Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas. *Revista Letras Raras*, 7(2), 321-337. doi.org/10.35572/rlr.v7i2.997.

- Muravyev, A., Talavera, O., & Schäfer, D. (2009). Entrepreneur's gender and financial constraints: Evidence from international data. *Journal of Comparative Economics*, 37(2), 270-286.
- Must, A., & Strauss, R. S. (1999). Risks and consequences of childhood and adolescent obesity. *International journal of Obesity*, 23(2), S2-S11.
- Nassif, V. M. J. (2014). Aspectos Afetivos e Cognitivos: Uma Relação Indissociável para Compreender o Comportamento do Empreendedor. Goiânia: *VIII EGEPE*.
- Nassif, V. M. J., Hashimoto, M., Borges, C., La Falce, J., & Oliveira Lima, E. (2020). Influência das Ameaças de Gênero e Comportamento de Superação na Satisfação de Empreendedoras. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 12(3).
- Natividade, D. R. D. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231-256.
- Nazareno, J., Zhou, M. and You, T. (2018), "Global dynamics of immigrant entrepreneurship: changing trends, ethnonational variations, and reconceptualizations". *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, available at: <https://doi.org/10.1108/IJEBr-03-2018-0141>.
- Neville, F., Forrester, J. K., O'Toole, J., & Riding, A. (2018). "Why Even Bother Trying?" Examining Discouragement among Racial-Minority Entrepreneurs. *Journal of Management Studies*, 55(3), 424-456. doi: 10.1111/joms.12319.
- Oliveira, A. B., Jr. & Oliveira Pesseti, A. O. (2020) Empreendedorismo Negro: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado. *XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD*, pp.2177-2576, versão online.
- Oliveira, J. S.; Pereira, J. A. & Souza, M. C. D. (2013). Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. Contextus: *Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 7-30, 2013.
- Oliveira, J. S., & Santos, E. L. S. (2020). Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. *Revista Ciências Administrativas*, 26(3).
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2019). OECD/European Union. (2019). The Missing Entrepreneurs 2019: *Policies for Inclusive Entrepreneurship*. OECD Publishing. Paris.
- Osório, R. G. (2021) A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990- ISSN 1415-4765 I. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. CDD 330.908. <http://repositorio.ipea.gov.br>.
- Paixão, M. J. P. (2003). Destino manifesto: estudo sobre o perfil familiar, social e econômico dos empreendedores/as afro-brasileiros/as dos anos 1990. *Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento*.
- Paixão, M. J. P. (2017). Acesso ao Crédito Produtivo pelos Microempreendedores Afrodescendentes: Desafios para a Inclusão Financeira no Brasil. Salvador: *BID*.
- Portes, A. (2010). Migration and social change: Some conceptual reflections. *Journal of ethnic and migration studies*, 36(10), 1537-1563.
- Powell, G. N., & Eddleston, K. A. (2013). Linking family-to-business enrichment and support to entrepreneurial success: Do female and male entrepreneurs experience different outcomes? *Journal of business venturing*, 28(2), 261-280.
- Robles, B. J., & Cordero-Guzmán, H. (2007). Latino Self-Employment and Entrepreneurship in the United States: An Overview of the Literature and Data Sources. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 613(1), 18-31. <https://doi.org/10.1177/0002716207303541>.

- Santos, E. L. S. (2017) Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana do Rio de Janeiro. 168 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - *Universidade Federal de Goiás*, Goiânia, 2017.
- Scarborough, N.M & Zimmerer, T.W. (2005). *Essentials of Entrepreneurship and Small Business Management*. (4th.Ed.). *New Jersey: Pearson Prentice Hall*.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em [http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-negras-representam-o-segmento-de-empreendedores-mais-atingidos-pela-pandemia-no-brasil\\_facda4c6bd3b3710VgnVCM1000004c00210aRCRD](http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-negras-representam-o-segmento-de-empreendedores-mais-atingidos-pela-pandemia-no-brasil_facda4c6bd3b3710VgnVCM1000004c00210aRCRD). Acesso em 31.04.2021.
- Singh, R. P., Crump, M. E. S., & Zu, X. (2009). Family matters: Examining how self-employed blacks and whites differ in having self-employed parents. *Entrepreneurship and its Economic Significance, Behavior and Effects*, edited by MV *Bradshaw and PT Carrington*, 1-20.
- Schell, S., Hiepler, M., & Moog, P. (2018). It's all about who you know: The role of social networks in intra-family succession in small and medium-sized firms. *Journal of Family Business Strategy*, 9(4), 311-325.
- Sims, R. L., & Chinta, R. (2019). The mediating role of entrepreneurial ambition in the relationship between entrepreneurial efficacy and entrepreneurial drive for female nascent entrepreneurs. *Gender in Management: An International Journal*.
- Smith, B., & Tolbert, C. M. (2018). Financial motivations and small business longevity: The effects of gender and race. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 23(04), 1850024. [https:// DOI.org/10.1142/S1084946718500243](https://DOI.org/10.1142/S1084946718500243).
- Smith-Hunter, A. E., & Boyd, R. L. (2004). Applying theories of entrepreneurship to a comparative analysis of white and minority women business owners. *Women in Management Review*.
- Steele, CM and J Aronson (1995). Stereotype threat and intellectual test performance of African Americans. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(5), 797-811.
- Subramani, J. (2020). Concept of Entrepreneurs and Entrepreneurship- A Critical Review Volume 5, Issue 5, May - 2020 *International Journal of Innovative Science and Research Technology* ISSN No:-2456-2165.
- Tavares, A. C. S; Silva, P. M.; Monarcha, H. M. C. Afroempreendedorismo e o movimento black money: um estudo de caso: espaço art ato. *Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*, Belém, v. 4, p. 102-128, 2018.
- Valdez, M. E., Doktor, H. R., Singer, A. E. & Dana, Leo-Paul (2011). Impact of tolerance for uncertainty upon opportunity and necessity entrepreneurship. *Human Systems Management* 30 (2011) 145–153. DOI 10.3233/HSM-2010-0742. IOS Press
- Verduijn, K. & Essers, C.(2013). Questioning dominant entrepreneurship assumptions: the case of female ethnic minority entrepreneurs, *Entrepreneurship & Regional Development An International Journal*.DOI: 10.1080/08985626.2013.814718
- Verver, M., Passenier, D. & Roessingh, C. (2019). Contextualising ethnic minority entrepreneurship beyond the west Insights from Belize and Cambodia.*International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research* Vol. 25 No. 5, 2019 pp. 955-973 Emerald Publishing Limited 1355-2554. DOI 10.1108/IJEER-03-2019-0190
- Wallon, H. (1989). *As Origens do pensamento na criança*. São Paulo: Editora Manole, 1989.
- Wood, G. J., Davidson, M. J., & Fielden, S. L. (2012). Minorities in entrepreneurship: An international review. *Edward Elgar Publishing*.
- White, J. C. (2018). Toward a theory of minority entrepreneurship in the non-profit arts sector. *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 48(4), 287-300.